23-10-2026

A rede da Vida de Clara

Weigma Michely da Silva

[Profª Secretaria de Educação/Tocantins. Grupos de Estudos: Dona Alzira/GO e dos Sentidos/TO-GESTO]

"Se o que nos consome fosse apenas fome
Cantaria o pão
Como o que sugere a fome
Para quem come" **(José Chagas)**

Penduradas à sombra do manguezal que alcançava o quintal, as redes iam e vinham sobre o terreiro de minha infância. No período chuvoso ou sob o ar entumecido de calor, os mosquitos ficam insuportáveis. No vaivém das redes, suspendíamos o mundo e escapávamos das picadas. Em nosso quintal, a rede mudava de destino ao longo do dia: amanhecia leito, atravessava a tarde em barco e alcançava a noite ainda brinquedo. A infância soprava movimento nos fios. Muito antes de nossos quintais, povos indígenas já teciam nela uma ciência do corpo e da permanência. Para nós, crianças, a imaginação recebia dos fios um saber antigo e continuava a viagem. Nunca pensei numa rede triste. Foi por isso que estranhei a de Vida. Vida permanece ali durante todo o dia. É uma mulher adulta com severos comprometimentos cognitivos e motores e, ao longo dos anos, perdeu quase inteiramente a autonomia dos movimentos. Seu corpo ganhou peso. Os gestos, pouco a pouco, recolheram-se. A transferência que antes se resolvia com algum impulso e poucos passos passou a exigir técnica, força e braços que a casa não reúne. Dona Clara, mãe de Vida, é pequena. Já não consegue retirá-la da rede e conduzi-la até as cadeiras. Basta olhar para as duas para compreender a equação impossível: um corpo precisa ser erguido, o outro chegou ao limite da própria força. Entre os dois, a fluidez da rede. Vida pulsa, e seu corpo continua pronunciando suas necessidades. Sente fome, sede, frio, calor, desconforto. Precisa alimentar-se, urinar, evacuar, banhar-se, trocar de roupa, proteger a pele e atravessar os ciclos de seu corpo de mulher. A imobilidade restringe seus movimentos. A equipe passa e o sistema não permanece. A Vida continua precisando, reexiste. Vida é singular, a engrenagem que a desassiste se repete. Em muitas casas, corpos complexos recebem uma assistência repartida em equipamentos, visitas e documentos, enquanto o cuidado contínuo é depositado para uma única pessoa, quase sempre uma mulher. A política pública registra sua passagem e recua. A necessidade permanece: erguer a Vida. Nenhum protocolo sustenta o peso de um corpo. Dona Clara mora num sítio, sozinha com a sua Vida. Dois gatos e um cachorro. Dona Clara cuida para além das reservas do próprio corpo. Impedida de conduzir Vida aos lugares do banho, da troca e da higiene, reúne esses lugares ao redor da rede. Água, panos, fraldas, alimentos, remédios. Cada objeto recebe nova posição e nova função. Suas mãos produzem uma pedagogia da permanência, uma artesania do cuidado. Chamamos de amor esse conjunto de tarefas, e o nome afetivo apaga sua economia: horas, técnica, esforço, risco e ausência de descanso. Faço parte da rede de apoio à Vida, mas sei que a estrutura é complexa e insuficiente. O sistema precisa de revisão, reestruturação e remuneração para que a existência de Dona Clara perca o tom da violência e da opressão diária. Admitir que cuidar é trabalhar nos obriga a discutir três urgências: responsabilidade, remuneração e revezamento.

Dona Clara domina uma ciência na experiência. Durante muito tempo, transformamos essas competências em extensão natural da maternidade. Mães, porém, possuem anatomia, os músculos conhecem os limites. A obviedade desses limites expõe a perversidade de toda uma Rede. Olhei novamente para Dona Clara e me perguntei: quem, afinal, cuida dela? Enquanto conversávamos, meus olhos percorreram a distância entre a cadeira de banho e a rede. Fisicamente, quase nada; politicamente, um abismo. Pensei em ajudar. Mas de que modo? Bastou medir a complexidade do gesto para compreender que nossos quatro braços não garantiam segurança. Improvisar poderia ferir justamente a Vida que tentávamos proteger.

Dona Clara permanece cuidando de Vida. O cansaço já se alojou em seu rosto, em seus braços e na pequena inclinação de seu corpo. O choro chega sem aviso, já não alivia o peso que o provoca. Talvez esse seja um dos perigos mais silenciosos do cuidado: confundir a permanência de quem cuida com uma capacidade inesgotável de continuar. Quem ama também se exaure.

Saí daquela casa levando comigo a imagem de Dona Clara ligeiramente envergada e um imperativo que, desde então, me acompanha: precisamos cuidar das vidas. Todos os dias, milhares de mulheres levantam outras pessoas. Sustentam os corpos, as roupas, as panelas, os remédios, sustentam mundos inteiros. Levantam-se durante a madrugada, tornam a levantar ao amanhecer, levantam sempre que a vida pede. Sustentam casas inteiras sem que quase ninguém pergunte quanto peso ainda cabe em seus braços. Até que um dia os músculos se recusam. E, quando isso acontece, a pergunta já não pode ser quem ama o suficiente para continuar. A pergunta precisa ser outra:

Quando Dona Clara já não conseguir seguir com Vida, a Vida será abandonada?

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical e do GE MultiVisat.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.